

LEITURA E CONHECIMENTO PRÉVIO

Eunice Maria Castegnaro Trevisan
Universidade Federal de Santa Maria

Na atividade de leitura, o texto constitui apenas o ponto de partida, pois o sentido não reside somente no texto. Na verdade, existem outros fatores que concorrem para que a compreensão se estabeleça.

São pertinentes as palavras de Eco (1984), em seu livro *Conceito de Texto*:

O texto é um tecido cheio de lacunas, repleto de não-ditos, e todavia esses não-ditos são de tal modo não-ditos que ao leitor é dada a possibilidade de colaborar, para preencher esses não-ditos.

Essa manifestação de Eco reforça a idéia de que o texto sozinho não é responsável pela construção do sentido, apontando para a figura do leitor, que participa de modo fundamental do processo de compreensão, em que é chamado a colaborar, preenchendo as lacunas deixadas pelo texto.

Constitui objetivo deste trabalho destacar o papel do leitor e de sua bagagem cognitiva na construção da coerência e do sentido, tendo em vista o processo realizado não só pelo leitor/indivíduo, em relação à leitura de livros, jornais ou revistas, mas também pelo leitor/aluno em sua atividade de interpretação em sala de aula. Observa-se que, muitas vezes, o aluno é tolhido em suas respostas, quando o professor desconhece os importantes fatores cognitivos que interferem no processo de compreensão e fazem com que se estabeleça uma interação entre o leitor e o texto.

COERÊNCIA E CONHECIMENTO PRÉVIO

Necessariamente vinculada à construção do sentido, situa-se a coerência, que se revela como importante fator de textualidade.

A coerência diz respeito ao nível macroestrutural de organização do texto, isto é, ao seu conteúdo global, ao texto como um todo. Para que haja coerência, é preciso que se

possa identificar uma unidade de sentido entre os enunciados. Ao contrário da coesão, que é linear, marcada explicitamente pelos elementos lingüísticos que organizam a seqüência do texto, a coerência é profunda, subjacente à superfície textual. Assim, embora o seu estabelecimento se inicie na superfície do texto, através dos marcadores de coesão, ela só vai ser alcançada num plano global, na medida em que o leitor ativar seus conhecimentos armazenados e realizar inferências.

Nenhum texto é inerentemente coerente ou incoerente, dizem Charolles e Ehrlich (1986). A coerência, na verdade, depende do receptor, de sua atitude de cooperação, de sua habilidade em desvendar o sentido do texto e, especialmente, de sua bagagem cognitiva.

O papel do leitor, portanto, é fundamental para a construção da coerência, a qual, no dizer de Charolles e Ehrlich, revela-se como um *princípio de interpretabilidade*. De tal forma que, se um texto for inteligível, se o leitor conseguir determinar-lhe o sentido, será considerado coerente.

Dentre os fatores que influenciam a construção da coerência pelo leitor, destaca-se o conhecimento prévio, que se considera essencial para o processo de compreensão.

Esse conhecimento, que abrange basicamente o conhecimento de mundo, o conhecimento lingüístico e o conhecimento textual, é armazenado na memória do leitor, a partir das vivências e experiências acumuladas ao longo de sua vida. Diante dos estímulos fornecidos pelo texto, esse conhecimento é ativado, possibilitando a compreensão e a construção da coerência.

Há fatores que interferem na obtenção da coerência e estão condicionados à existência do conhecimento prévio. Assim, captar a intertextualidade, realizar inferências, atingir a macroestrutura do texto supõem conhecimentos pré-existentes por parte do leitor, dos quais depende o nível de apreensão do sentido.

De acordo com esse enfoque, estabelece-se uma relação entre os conhecimentos veiculados pelo texto e os conhecimentos ativados pelo leitor no momento da leitura. A análise do processo de compreensão com base no conhecimento prévio consiste, então, numa visão de leitura como interação leitor-texto.

Para a obtenção da coerência e o alcance da compreensão concorrem também fatores de ordem pragmática, tais como o contexto de situação, os atos de fala, as intenções do produtor e do receptor. Fatores como esses influenciam a interação do leitor com o texto e são vistos como o aspecto pragmático dessa interação. Na verdade,

eles criam condições para que a comunicação se estabeleça, mas estão fortemente relacionados ao conhecimento de mundo dos interlocutores.

OS MODELOS COGNITIVOS

Nos últimos anos, a Psicologia Cognitiva e a Inteligência Artificial têm oferecido muitas contribuições aos estudos de compreensão textual, com ênfase para a armazenagem do conhecimento de mundo na memória.

Segundo essa perspectiva, o nível de compreensão depende, em grande parte, do grau de aproximação entre os conhecimentos veiculados no texto e os conhecimentos armazenados na memória do leitor/ouvinte. Quanto mais estreita for essa relação, quanto maior for o conhecimento partilhado entre produtor e receptor, melhor será a compreensão.

Observa-se, portanto, que, mesmo com as melhores intenções e condições de comunicação, não se pode garantir que uma mensagem seja fielmente recebida pelo leitor/ouvinte, na medida em que é difícil haver correspondência absoluta entre a realidade mencionada e os conhecimentos armazenados pelo receptor.

Esses conhecimentos, que são estruturados em blocos, na memória, constituem os chamados modelos cognitivos. Tais modelos, de acordo com as propostas dos pesquisadores que se têm ocupado com teorias de compreensão baseadas no conhecimento prévio, têm recebido diferentes denominações: *frame*, *script*, esquema, cenário, plano.

Alguns autores, como Beaugrande e Dressler (1981) e Brown e Yule (1983), admitem as diversas denominações, considerando diferenças entre os conceitos. Por outro lado, tem ocorrido de serem atribuídos diferentes nomes ao mesmo conceito, ou ser utilizada apenas uma denominação para designar os modelos cognitivos, com referência, por exemplo, à *teoria dos frames* ou à *teoria dos esquemas*.

Na verdade, toda a diversidade de termos recobre o mesmo fenômeno, não havendo diferenças substanciais entre os conceitos. Como observam Brown e Yule,

tanto esquemas quanto frames, scripts e cenários constituem meios de representar o conhecimento prévio que nós todos usamos e esperamos que os outros usem ao produzirmos e interpretarmos o discurso (p. 250).

Assim, o conhecimento prévio, ponto em comum entre as diversas propostas, configura-se como o aspecto mais importante, tendo em vista o processo de compreensão.

Essa é a razão da escolha, neste trabalho, da denominação *frame* para referir modelos cognitivos, designando como tal *as estruturas de conhecimento pré-existentes armazenadas na memória, que são ativadas mediante os estímulos oferecidos pelo texto e exercem influência no processo de compreensão.*

Frame é um termo buscado por Minsky na área computacional, em estudos sobre Inteligência Artificial. Inspirada na armazenagem de dados do computador, a noção de *frame* foi transportada analogicamente para os estudos sobre a armazenagem de conhecimentos na memória humana.

Conforme foi proposto por Minsky (apud Brown e Yule, 1983), um *frame* contém, em sua estrutura, nódulos (*slots*), que são preenchidos com elementos (*fillers*), os quais poderão ser obrigatórios e opcionais. No exemplo de *frame* de casa, considerando uma casa prototípica, os nódulos serão preenchidos com elementos obrigatórios tais como cozinha, dormitórios, banheiro. Naturalmente, poderão ser incluídos elementos opcionais, com características particulares, como piscina, lareira, sala de jogos etc.

Os *frames* representam conhecimentos estereotípicos, comuns a uma dada cultura, em determinada época. Ao mesmo tempo, sofrem variações, conforme as vivências e crenças das pessoas, de modo que, ao pensar em Natal, por exemplo, muitas pessoas ativarão elementos como *árvore de Natal, presentes, Papai Noel, ceia*. Aquelas que conservam a lembrança da razão de ser da festa incluirão também *nascimento de Jesus, Missa do Galo, presépio, espírito natalino* (de paz, fraternidade, renovação).

Os elementos de um *frame* não são exclusivos, podendo fazer parte de outros *frames*. *Presentes*, por exemplo, que é elemento constitutivo do *frame Natal*, faz parte também de Festa de Aniversário.

Um elemento de um *frame* poderá, por sua vez, constituir um novo *frame*, com seus próprios elementos. *Presépio*, que integra o *frame Natal*, vem a ser um outro *frame*, com elementos obrigatórios como *manjedoura, Menino Jesus, Maria, José, animais* (vacas e ovelhas), *estrela de Belém*.

Toda essa rede de relações, que pode ser estabelecida entre os conhecimentos armazenados, evita uma sobrecarga de memória, viabilizando o processo de compreensão. No momento da leitura, as estruturas de conhecimento pré-existentes armazenadas na memória são ativadas, a partir de estímulos, os quais consistem nas

marcas lingüísticas que compõem a superfície textual e nos elementos icônicos, que muitas vezes ilustram o texto ou o compõem totalmente, como no caso de algumas charges. Assim, diante do estímulo que provoca a ativação dos conhecimentos, o leitor/ouvinte desencadeia o processo de ajustamento de *frame*, o que lhe possibilita compreender a informação proposta.

Devido a sua origem computacional, a teoria de *frames* tem recebido críticas de alguns pesquisadores, como, por exemplo de que serviria apenas para textos com informações conhecidas. Julga-se, no entanto, que essas críticas sejam uma forma de radicalização, que não levam em conta as diferenças de transposição da área computacional para a análise do discurso. Na verdade, essa teoria oferece subsídios valiosos para o trabalho na área de leitura, auxiliando a entender melhor esse processo. Considera-se, inclusive, que o caráter cultural e estereotípico dos *frames* seja uma das razões por que eles auxiliam na construção do sentido, uma vez que a informação conhecida serve como suporte para a realização de inferências, em busca do sentido para a informação desconhecida.

Além disso, a partir de estudos mais recentes sobre modelos cognitivos, a noção de *frame* também tem-se enriquecido. Pesquisadores como Van Dijk (1988) evidenciam a *evolução* desse conceito ao demonstrar que os modelos não são fixos e estanques, mas sofrem influência da aprendizagem, o que possibilita o preenchimento de nódulos vazios com elementos novos. Assim, têm sido redimensionados esses estudos, comprovando a afirmação de Marcuschi, que diz constituir a memória "*um instrumento estruturado e estruturante, com grande dinamismo e capacidade de se reorganizar a todo momento*" (1985 p. 29).

O PROCESSO INFERENCIAL

Uma abordagem cognitivista de leitura necessariamente deve incluir a noção de inferência.

Conforme se mencionou anteriormente, o leitor, no momento da leitura, deixa aflorar o seu conhecimento de mundo, as suas crenças, as suas vivências, além de seu conhecimento lingüístico e textual, isto é, todo o seu conhecimento prévio. Esses conhecimentos vão possibilitar a realização do processo inferencial, que consiste no estabelecimento de conexões entre os enunciados, com o preenchimento de lacunas deixadas pelo texto, para chegar à construção do sentido.

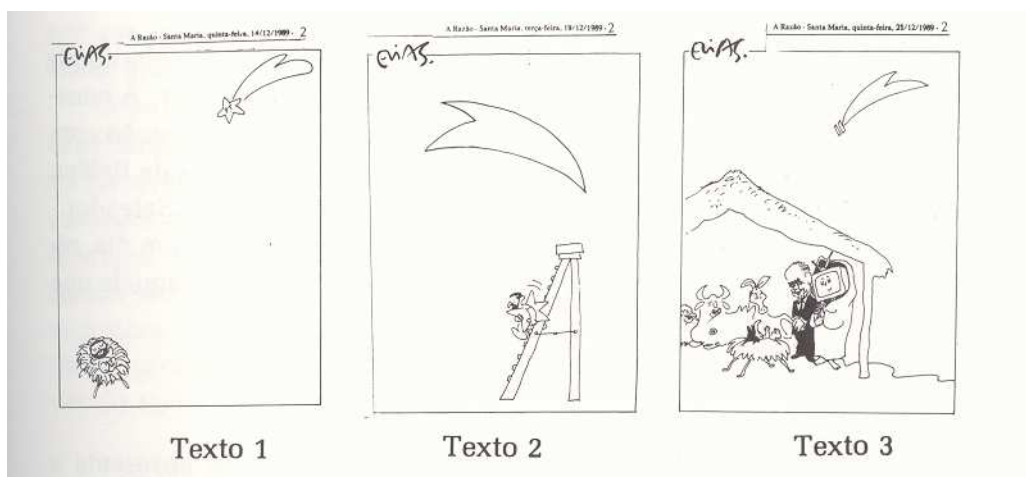
A realização de inferências é uma operação cognitiva bastante importante, que interfere no processo de compreensão e reforça a idéia de que o estabelecimento do sentido e da coerência textual depende da interação leitor-texto.

Têm sido realizados estudos a respeito dos tipos de inferência que podem ser realizados. Brown e Yule (1983) fazem distinção entre o que consideram verdadeiro processo de inferenciação – com o estabelecimento de conexões que exigem tempo para o processamento, provocando a realização de uma inferência-ponte – e o processo tido como inferencial, mas que, na verdade, consiste em uma conexão automática, rapidamente compreendida, como se fosse mencionada explicitamente no texto.

Segundo Koch e Travaglia (1990), que mencionam a classificação de Charolles, as inferências podem ser mais ou menos necessárias. Conforme essa perspectiva, percebe-se a existência de uma espécie de gradação no processo inferencial e, muitas vezes, a realização de determinadas inferências (menos necessárias) só se justifica através do contexto.

A BAGAGEM COGNITIVA COMO CONDIÇÃO PARA A LEITURA

Para exemplificar a força do conhecimento prévio, que constitui a base para o processo inferencial em direção à obtenção da coerência, apresentam-se os textos do chargista Elias publicados no jornal "A Razão", nos dias 14, 19 e 21 de dezembro de 1989.



Esses textos, construídos exclusivamente com elementos icônicos, só poderão ser compreendidos com base nos conhecimentos pré-existentes do leitor a respeito das situações nele representadas.

É preciso inicialmente estar a par dos acontecimentos vivenciados no país, no contexto político, na ocasião. Era época de eleições para a presidência da República, quando, no segundo turno, disputavam o primeiro lugar os candidatos Fernando Collor de Mello e Luis Inácio Lula da Silva. No dia 14 de dezembro, antes da eleição, Lula crescia nas pesquisas de opinião, considerando-se sua vitória bastante possível. No dia 19, dois dias após a votação, já se configurava Fernando Collor como vencedor e, no dia 21, a vitória de Collor era uma realidade.

Ao mesmo tempo em que ocorriam esses fatos no mundo político, era tempo de Natal. Assim, repercutiam na imprensa duas temáticas concomitantes, a política e a natalina.

A mensagem proposta pelos textos, tomados individualmente ou em conjunto, é política. No entanto, a argumentação é construída, desencadeando o inter-relacionamento dos *frames* política e Natal, que proporcionam a organização de textos cuja compreensão depende totalmente da bagagem cognitiva do leitor e da realização de inferências.

Como ao leitor é dada a possibilidade de construir o sentido e a coerência dos textos, apresentam-se, a seguir, conclusões a que se pode chegar pela análise da referida série de textos:

Texto 1

Lula, esperança de uma grande parcela do povo brasileiro que aposta em mudanças para o país, é caracterizado como o Salvador. A conexão estabelecida entre Cristo e Lula é provocada pela associação com o *frame* Natal, através do elemento constituído pela estrela de Belém, caracterizada como estrela do PT, indicando onde está o Salvador. A manjedoura, outro elemento do *frame* Natal, em que, um dia, repousou Aquele que iria salvar o mundo, apresenta, agora, aquele que poderá salvar o Brasil.

Texto 2

Realizam-se as eleições. Lula é derrotado. O texto apresenta a constatação da derrota, com a conseqüente saída do candidato do cenário da presidência. Mais uma vez ocorre a atualização do *frame* Natal através da estrela, cuja retirada de cena evidencia a suspensão do projeto de renovação.

Texto 3

O *frame* Natal impõe-se completamente, através da imagem de um perfeito presépio natalino, que se atualiza em nova leitura.

A estrela, agora caracterizada com o símbolo da campanha de Collor (//), aponta para aquele que foi consagrado pelas urnas como o Salvador. Collor é quem repousa na manjedoura. A figura de José e Maria são substituídas pelos pais (criadores) do menino, aqueles que viabilizaram sua presença ali: Roberto Marinho e a televisão (Rede Globo).

A cena é completa: Roberto Marinho sorri satisfeito, contemplando o seu "filho". As "vaquinhas de presépio", certamente simbolizando o povo que elegeu Collor (observe-se o *botton* no peito do animal), olham para o menino com ar de tranqüilidade.

Constituindo uma paródia, os textos analisados caracterizam-se como reescritura do texto bíblico, que tem sido, tantas vezes, retomado intertextualmente, através dos tempos.

A imagem do presépio desencadeia as circunstâncias que cercaram o nascimento de Cristo. Assim, os textos estabelecem relações entre o momento do Natal, com sua significação de renovação, fraternidade, esperança, diante da vinda do Salvador, e o momento político por que passa o país quando a expectativa de ter o primeiro presidente eleito, após vinte e cinco anos, sintetiza toda a esperança de um povo.

Como é próprio desse gênero de texto, as charges incorporam a experiência do autor e a sua observação da realidade, apresentada de forma avaliadora, revelando crenças, valores, ideologia. Tudo isso constitui a base dos textos, os quais, concretizados pelos elementos icônicos, constituem o estímulo, o ponto de partida para que o leitor realize seu processo de compreensão, a partir de sua própria bagagem cognitiva. Como se vê, a leitura resulta de uma interação leitor-texto, de um processo dialógico, que põe em relação o autor e o leitor, através do texto.

TEXTO E LEITURA(S)

Conforme se procurou demonstrar, ao leitor é atribuída grande parte da responsabilidade pelo estabelecimento da coerência textual. O texto apenas o direciona na busca do sentido, pois, na verdade, o processo de compreensão vai suscitar a

construção de um novo texto pelo leitor. O sentido do texto é construído, portanto, a cada leitura que se realiza.

Nessa direção, situa-se Arrojo (1985), ao questionar a estabilidade do texto original e a própria autoridade do autor. Diz ela que o autor "*pode visitar o seu texto como convidado e não como pai absoluto que possa controlar os destinos de sua prole*". Considerando a leitura como atividade produtora, através da qual o texto se realiza e atualiza, a autora atribui ao texto a imagem de um palimpsesto: "*O texto que se apaga em cada comunidade cultural e em cada época para dar lugar a outra escritura do mesmo texto*". Por isso, Elias reescreveu o texto bíblico, parodiando-o, de acordo com sua visão do contexto de 1989; por isso, ao leitor é dada a oportunidade de reescrever os textos, verbalizando-os a partir dos estímulos textuais, mas com base em sua própria bagagem cognitiva.

As reflexões realizadas neste trabalho apontam para a questão da abertura do texto. Deve-se, no entanto, ressaltar que não se está propondo a idéia de uma abertura total, da liberdade absoluta de interpretação. Não se pode ignorar que há pistas no texto que possibilitam a recuperação da essência do seu conteúdo. São elucidativas as palavras de Fiorin (1989, p. 81) a esse respeito, ao afirmar que

As diversas leituras que o texto aceita já estão nele inscritas como possibilidades, (...) e não se fazem a partir do arbítrio do leitor, mas das virtualidades significativas presentes no texto.

Portanto, a ocorrência de inferências faz parte do processo de compreensão e, sem dúvida, deve ser levada em conta, porém dentro de limites aceitáveis, com a realização de leituras(s) autorizadas(s) pelo próprio texto.

A abordagem cognitivista aqui proposta, ao ressaltar a influência do conhecimento prévio do leitor para o processo de compreensão, indica a importância da interação leitor-texto, que se estabelece no momento da leitura e não pode ser ignorada por aqueles que se ocupam com essa atividade. Especialmente o professor de línguas precisa estar alerta para os fatores cognitivos que provocam em seus alunos a realização de leituras diferenciadas, em decorrência do percurso de vida já realizado por cada um deles até o momento da leitura. Essa diversidade de percepção constitui o lado enriquecedor de uma troca que pode ser estabelecida, com muito proveito, em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, Rosemary. A tradução como re-escritura: o texto/palimpsesto e um novo conceito de fidelidade. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 5-6 p. 17-24, 1985.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de, DRESSLER, Wolfgang. *Introduction to text linguistic*. London/New York: Longman, 1981.
- BROWN, Gillian, YULE, George. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CHAROLLES, Michel, EHRLICH, Marie-France. Aspects of textual continuity; linguistic and psychological approaches. In: *Texts and text processing*. Poitiers, 22-25 sept. 1986. (workshop)
- DIJK, Teun van. *Models in memory*. Amsterdam: University of Amsterdam, 1988.
- ECO, Umberto. *Conceito de texto*. São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989.
- KOCH, Ingedore V., TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural- cognitivo. *Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, n. 5, p. 21-44, 1985.
- TREVISAN, Eunice M. C. *A influência do conhecimento prévio do leitor na construção da coerência*. Santa Maria: UFSM, 1991. Diss. Mestr. Letras.